

Acomodação dialetal na dimensão rítmica da fala: um estudo sociolinguístico sobre a fala de migrantes alagoanos em São Paulo

Gustavo de Campos Pinheiro da Silveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Oushiro

Resumo

Palavras-chave:

1 Introdução e justificativa

1.1 O estudo da fala dos migrantes

Tradicionalmente, a pesquisa sociolinguística privilegiou a análise da fala dos membros considerados mais "prototípicos" de suas respectivas comunidades, isto é, dos residentes que nasceram e cresceram na região estudada, sobretudo daqueles cujos pais também são nativos (Britain, 1992; Kerswill, 1993; Milroy, 2002; Oushiro, 2016). A restrição da comunidade de fala aos falantes nativos é um procedimento metodológico que busca circunscrever a investigação sociolinguística apenas aos processos de variação e de mudança linguística desencadeados por fatores internos a uma variedade da língua (Labov, 2001; Milroy, 2002, p. 20). Em outras palavras, os residentes migrantes são excluídos da amostra para evitar que fatores relacionados ao contato com outros dialetos ou línguas interfiram nos resultados da análise.

Ao lado dessa justificativa metodológica, a hipótese de Lenneberg (1967) acerca do período crítico para a aquisição da linguagem também serve de apoio para a exclusão dos migrantes da análise sociolinguística. De acordo com essa hipótese, em torno dos primeiros anos da puberdade, o sistema linguístico do indivíduo se estabiliza e, daí em diante, deixa de sofrer

alterações significativas, interrompendo-se o processo de aquisição natural. Se, de fato, esse for o caso, então o estudo da fala de uma comunidade deve se concentrar nos membros nativos, uma vez que os padrões linguísticos dos migrantes adultos refletirão os padrões das variedades de suas respectivas regiões de origem, adquiridos no decorrer da infância. É com base nesse raciocínio que muitas pesquisas sociolinguísticas decidem excluir de suas amostras os residentes migrantes que chegaram na comunidade depois da puberdade (p. ex. Labov, 1966, p. 111).

Ainda que a restrição da análise sociolinguística à fala dos nativos seja compreensível, diversos estudos têm mostrado a importância de se considerar o papel dos migrantes na dinâmica da comunidade de fala (Bortoni-Ricardo, 2011; Britain, 2018; Trudgill, 1986). De acordo com Milroy (2002), não há sociedade urbana contemporânea que se aproxime do ideal de comunidade isolada do contato linguístico e dialetal decorrente da mobilidade geográfica e dos fluxos migratórios. E muitas pesquisas mostraram que o contato entre nativos e migrantes pode desencadear na comunidade anfitriã uma série de processos de mudança linguística, tal como nivelamentos, realocações, misturas dialetais, simplificações e formações de variantes interdialetais (Trudgill, 1986).

A fala dos residentes migrantes é importante não apenas no nível da comunidade, mas também no nível do indivíduo. Isto porque a hipótese do período crítico (Lenneberg, 1967) ainda não foi confirmada de modo definitivo e o debate sobre a estabilidade da fala adulta continua a ocupar as discussões sociolinguísticas. Algumas pesquisas recentes sugerem que são possíveis alterações na fala do indivíduo após o período crítico, ainda que tais alterações não sejam tão frequentes, nem tão drásticas como as que acontecem na fala de crianças (Cukor-Avila e Bailey, 2013). E mesmo quando se consideram as crianças migrantes (portanto, em fase de aquisição da linguagem), uma série de perguntas ainda estão à espera

de respostas (Chambers, 1992; Nycz, 2015; Oushiro, 2016; Trudgill, 1986): até que idade a criança deve chegar na comunidade anfitriã para adquirir total competência na variedade dessa comunidade? Quais fatores linguísticos e sociais podem acelerar ou inibir a aquisição de traços próprios da nova comunidade?

1.2 A fala de migrantes nordestinos no Estado de São Paulo

Recentemente, foi realizado um dos primeiros estudos sistemáticos sobre a fala de migrantes internos no Brasil. O Projeto "Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos em São Paulo" do Laboratório de Variação, Identidade, Estilo e Mudança (VARIEM) da Universidade Estadual de Campinas, coordenado por Oushiro (2018) e financiado pela FAPESP (Processo 2016/04960-7), analisou a fala de paraibanos e alagoanos residentes no Estado de São Paulo e investigou em que medida ela sofreu alterações em função do contato com a variedade paulista. Mais especificamente, a análise se concentrou nos efeitos da idade de migração e do tempo de residência em São Paulo sobre cinco variáveis linguísticas: (i) a realização de /r/ em coda silábica; (ii) a realização de /t/ e /d/ antes de [i]; (iii) a altura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/; (iv) a concordância nominal de número; (v) e a negação sentencial. Os resultados obtidos indicam que a idade com que os falantes migraram para São Paulo teve um papel importante para a acomodação às variantes fonéticas da fala paulista, mas não às variantes morfossintáticas. Por outro lado, o tempo de residência na comunidade anfitriã apresentou correlação apenas com a variável /r/ em coda.

O Projeto coordenado por Oushiro (2018) ajudou a consolidar uma agenda de pesquisas sobre a fala de migrantes no Estado de São Paulo. Atualmente, outros pesquisadores também estão se dedicando a esse assunto. Em sua dissertação recém-defendida, Santana (2019) analisou a fala de migrantes sergipanos que residem no município de São Paulo com o

objetivo de investigar em que medida eles se acomodaram à fala paulistana na abertura das vogais médias pretônicas. Seus resultados indicam que houve acomodação à pronúncia paulistana da vogal média /e/, mas não da vogal média /o/, sugerindo que o processo de acomodação fonética não necessariamente segue o princípio do paralelismo, um resultado que também foi observado por Oushiro (2019). Por sua vez, Souza (2017) e Oliveira (2019) estão analisando, em suas pesquisas de doutorado e de mestrado, respectivamente, a fala de migrantes baianos no estado paulista. Souza (2017) está investigando os processos de acomodação dialetal na fala de residentes baianos na Região Metropolitana de São Paulo com foco em quatro variáveis linguísticas: (i) a realização de /r/ em coda silábica; (ii) a altura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/; (iii) a negação sentencial; (iv) e o uso do artigo definido diante de antropônimos. Já o estudo de Oliveira (2019) se concentra na acomodação da fala de baianos que moram em Bauru, município do interior paulista, em relação à pronúncia do /r/ em coda silábica. Por fim, outras três pesquisadoras bolsistas em nível de iniciação científica estão dando continuidade à análise sociolinguística do *corpus* coletado pelo já mencionado Projeto coordenado por Oushiro (2018).

1.3 A prosódia da fala nos estudos sociolinguísticos

Embora já tenham obtido resultados relevantes, esses estudos são uma etapa de uma agenda mais longa e ainda em andamento de pesquisas sobre a aquisição de novos traços dialetais por migrantes internos em São Paulo. Dentre as questões delineadas por Oushiro (2018), uma que ainda não foi investigada diz respeito aos aspectos prosódicos da fala dos migrantes e aos efeitos que o contato dialetal tem sobre eles. Na verdade, não apenas no contexto dos estudos sobre a fala de migrantes, mas na pesquisa sociolinguística de modo mais geral, ainda são poucos os trabalhos acerca da variação prosódica se comparados àqueles que se dedicam à

variação de segmentos vocálicos e consonantais (Hay e Drager, 2007; Thomas, 2013). Apesar disso, as pesquisas realizadas até o momento já indicam que o ritmo e a entoação da fala não apenas variam regionalmente (Clopper e Smiljanic, 2015; Grabe et al., 2000), como também podem apresentar estratificações sociais de gênero (Lowry, 2011) e de etnia (Szakay, 2006; Thomas, 2013). Os resultados a que Podesva (2011) chegou mostram que as variáveis prosódicas podem inclusive ter função estilística, sendo usadas pelos falantes como uma forma de modelar significados identitários.

Dentre essas pesquisas, ainda são poucas as que se dedicaram aos efeitos do contato linguístico na prosódia da fala de migrantes internacionais, e mais raras ainda são as que discutem as consequências prosódicas do contato entre variedades de uma mesma língua na fala de migrantes internos. Uma dessas poucas iniciativas foi tomada por Carter (2005) em seu estudo sobre a variação rítmica no inglês falado por migrantes hispanófonos residentes nos Estados Unidos. Com base em cálculos de métricas rítmicas extraídos de gravações sociolinguísticas feitas com oito migrantes, os resultados a que Carter (2005) chegou sugerem que a acomodação a traços rítmicos em situação de contato linguístico depende de qual norma prosódica o migrante tem como referência, podendo ser a norma da sua língua materna, a da sua região de residência ou uma norma suprarregional da língua anfitriã (p. ex., a que se difunde nos meios escolares). Carter (2005) também considera a possibilidade de um mesmo migrante alternar entre diferentes normas prosódicas por motivos estilísticos.

Até o momento, faltam análises sistemáticas das consequências prosódicas do contato entre variedades de uma mesma língua. Alguns estudos, como o de Torgersen e Szakay (2012) e o de Fagyal (2010), chegam a discutir o contexto multiétnico de suas comunidades e consideram a mobilidade geográfica e os consequentes contatos dialetais fatores importantes para explicar os resultados a que chegaram, mas não trabalham diretamente com dados da

fala de migrantes, nem analisam sistematicamente variáveis relacionadas à migração. Ainda não se sabe quais são os efeitos da idade de migração e do tempo de residência na comunidade anfitriã sobre o ritmo da fala dos migrantes, assim como se desconhecem as consequências rítmicas dos tipos de redes sociais estabelecidas pelos migrantes na nova comunidade, nem o papel das atitudes deles em relação à sua comunidade de origem e à comunidade para onde migrou.

1.4 Impressões sobre o ritmo no português brasileiro

2 Objetivos

O objetivo central deste projeto é investigar em que medida o ritmo da fala dos migrantes alagoanos que residem no Estado de São Paulo sofreu alterações em função do contato com a fala paulista.

3 Plano de trabalho e cronograma

4 Materiais e métodos

4.1 Variáveis

4.2 Amostras de fala

4.2.1 Amostra de interesse

4.2.2 Amostras de controle

4.3 Seleção dos enunciados

4.4 Segmentação e etiquetagem

4.5 Medições acústicas

5 Formas de análise dos resultados

Referências

- Bortoni-Ricardo, Stella Maris (2011). *Do Campo Para a Cidade: Estudo Sociolinguístico de Migração e Redes Sociais*. Trad. por Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial.
- Britain, David (mar. de 1992). “Linguistic Change in Intonation: The Use of High Rising Terminals in New Zealand English”. Em: *Language Variation and Change* 4.1, pp. 77–104.
- (2018). “Dialect Contact and New Dialect Formation”. Em: *The Handbook of Dialectology*. John Wiley & Sons, Ltd, pp. 143–158.
- Carter, Phillip (2005). “Prosodic Variation in SLA: Rhythm in an Urban North Carolina Hispanic Community”. Em: *Selected Papers from NWAV* 33 11.2, pp. 59–71.
- Chambers, J. K. (1992). “Dialect Acquisition”. Em: *Language* 68.4, pp. 673–705.

- Clopper, Cynthia G. e Smiljanic, Rajka (1 de mar. de 2015). "Regional Variation in Temporal Organization in American English". Em: *Journal of Phonetics* 49, pp. 1–15.
- Cukor-Avila, Patricia e Bailey, Guy (2013). "Real Time and Apparent Time". Em: *The Handbook of Language Variation and Change*. John Wiley & Sons, Ltd, pp. 237–262.
- Fagyal, Zsuzsanna (2010). "Rhythm Types and the Speech of Working-Class Youth in a Banlieue of Paris: The Role of Vowel Elision and Devoicing". Em: *A Reader in Sociophonetics*. Ed. por Dennis Preston e Nancy Niedzielski. New York: De Gruyter Mouton.
- Grabe, Esther et al. (2000). "Pitch Accent Realization in Four Varieties of British English". Em: *Journal of Phonetics* 28.2, pp. 161–185.
- Hay, Jennifer e Drager, Katie (set. de 2007). "Sociophonetics". Em: *Annual Review of Anthropology* 36.1, pp. 89–103.
- Kerswill, Paul (jun. de 1993). "Rural Dialect Speakers in an Urban Speech Community: The Role of Dialect Contact in Defining a Sociolinguistic Concept". Em: *International Journal of Applied Linguistics* 3.1, pp. 33–56.
- Labov, William (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. 2nd ed. Cambridge [UK] ; New York: Cambridge University Press. 485 pp.
- (2001). *Principles of Linguistic Change. Volume 2: Social Factors*. Digital print. *Language in Society* 29. Malden, Mass.: Blackwell. 572 pp.
- Lenneberg, Eric H (1967). *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley.
- Lowry, Orla (2011). "Belfast Intonation and Speaker Gender". Em: *Journal of English Linguistics* 39.3, pp. 209–232.
- Milroy, Lesley (2002). "Introduction: Mobility, Contact and Language Change - Working with Contemporary Speech Communities". Em: *Journal of Sociolinguistics* 6.1, pp. 3–15.
- Nycz, Jennifer (nov. de 2015). "Second Dialect Acquisition: A Sociophonetic Perspective". Em: *Language and Linguistics Compass* 9.11, pp. 469–482.
- Oliveira, Marcelo Augusto Junqueira de (2019). *Dialetos Em Contato: Acomodação Dialetal Por Migrantes Baianos Habitantes Da Cidade de Bauru, São Paulo*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- Oushiro, Livia (2016). *Projeto Fapesp "Processos de Acomodação Dialetal Na Fala de Nordestinos Residentes No Estado de São Paulo"*.
- (2018). *Relatório Final Do Projeto "Processos de Acomodação Dialetal Na Fala de Nordestinos Residentes Em São Paulo"*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- (2019). "A fala de migrantes internos: uma agenda de estudos". XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (Alagoas).
- Podesva, Podesva (2011). "Salience and the Social Meaning of Declarative Contours: Three Case Studies of Gay Professionals". Em: *Journal of English Linguistics* 39.3, pp. 233–264.

- Santana, Amanda de Lima (2019). “As Vogais Médias Pretônicas Na Fala de Sergipanos Em São Paulo”. Dissertação. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Souza, Emerson Santos de (2017). “A Plasticidade Dialetal Na Fala de Migrantes Baianos Em São Paulo”. Encontro Intermediário Do GT de Sociolinguística Da ANPOLL.
- Szakay, Anita (2006). “Rhythm and Pitch as Markers of Ethnicity in New Zealand English”. Em: *Proceedings of the 11th Australian International Conference on Speech Science & Technology*. Ed. por Paul Warren e Catherine Watson, pp. 412–426.
- Thomas, Erik (2013). “Sociophonetics”. Em: *The Handbook of Language Variation and Change*. Ed. por J.K. Chambers e Natalie Schilling. Oxford, UK: John Wiley & Sons, Inc, pp. 108–127.
- Torgersen, Eivind Nessa e Szakay, Anita (2012). “An Investigation of Speech Rhythm in London English”. Em: *Lingua*. New Horizons in Sociophonetic Variation and Change 122.7, pp. 822–840.
- Trudgill, Peter (1986). *Dialects in Contact*. Oxford, UK: Basil Blackwell.